

Revista O Percevejo online
Espaço Teatral e cenografia
Volume 04 – Número 01 – janeiro-junho 2012

Editorial

Muitas têm sido as discussões acadêmicas sobre espaço teatral e sobre cenografia. O programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas juntamente com o Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana têm realizado seminários e conferências sobre os temas a exemplo do recente *Second International Conference on Architecture, Theatre and Culture*. Segundo Patrice Pavis, como lugar teatral pode ser considerado o prédio e sua arquitetura, sua inscrição na cidade, mas também o termo pode referir a um local previsto para a representação (Pavis, 2003:141). Neste número de *opercevejonline*, já em seu quarto ano de publicação em meio virtual, intencionamos aprofundar a discussão sobre os espaços teatrais em diferentes temporalidades incluindo, nesta abordagem, não só o edifício específico, mas também os outros espaços da cidade utilizados, como tem sido a prática de diversos grupos de teatro contemporâneo. O tema constitui um dossiê intitulado **espaço teatral e cenografia**, que introduzimos no primeiro segmento com o artigo "A arquitetura teatral do século XVII. O processo de italianização do modelo francês dos *jeux de paume*. A cenografia do período e as transformações da arquitetura, de Evelyn Furquim Werneck Lima (Unirio/ CNPq), no qual é discutido o processo de italianização do modelo francês de teatro seiscentista adaptado tal como se fosse um "espaço encontrado" a partir de galpões retangulares para o jogo da palma nos quais eram instalados o palco, camarotes e galerias. São também investigadas as transformações da cenografia que ensejou a adoção do palco à italiana a partir da introdução das "pièces à machines" e da ópera.

Segue-se o "Sobre o trabalho com o espaço" de Walter Lima Torres (UFPR) que discute aspectos particulares com ênfase na formação do diretor teatral e seu trabalho em relação ao espaço na concepção do espetáculo.

Partindo de noções básicas da análise do espetáculo pela sociologia e pela história do teatro o autor aprofunda a investigação quanto ao processo de concepção criativa do espaço cênico propriamente dito.

Em seu ensaio "A arquitetura de teatros históricos: história do teatro aplicada em três lições", o pesquisador da University of Maryland e coordenador do Grupo de Trabalho "Theatre Architecture" da International Federation of Theatre Research, Franklin J. Hildy examina edifícios teatrais históricos, o porquê de serem preservados, porque são reconstruídos e o que podemos aprender com esses prédios. O autor considera que "atos de preservação e recreação não são atos de nostalgia, porém atos de história do teatro aplicada, usando o passado para enriquecer e revigorar o presente". Ele defende que existe uma interrelação entre a dramaturgia criada pela cultura e a arquitetura do espaço no qual esta dramaturgia foi proposta para ser encenada. O ensaio é polêmico, porém reflete uma tendência contemporânea que culminou na recriação do teatro shakespeariano *the Globe* em Londres, do qual o autor é consultor.

Fechando o bloco, o artigo de Vania Cerri (FAU/Anhembi-Morumbi), "O teatro efêmero serliano e o edifício teatral renascentista" analisa o lugar das 'artes cênicas' relacionadas à arquitetura na primeira metade do século XVI na Itália e seu desdobramento posterior. A autora optou por partir da terminologia vigente na tratadística renascentista, na qual se insere a obra de Serlio, que vai idealizar modelos de construção teatral e do uso da perspectiva exata, denominada scenografia, apresentada como um recurso técnico que serve à arquitetura e à óptica.

No segundo bloco do dossiê, os artigos se voltam mais para a cenografia. Em "Entre telões e cortinas: a féerie cenográfica do musical revisteiro", Vera Collaço (UDESC) discute as transformações que se processaram na cenografia revisteira ao longo de sua história, do final do século XIX, a seu apogeu, na primeira metade do século XX. A autora valoriza elementos cenográficos que se modificaram, de modo visível, ao longo da história, tais como as escadarias, a estrutura do palco, o luxo e a *féerie*, e analisa um estudo de caso a partir do texto *Canta Brasil*, "nele buscando as pistas performativas dos aspectos cenográficos". Além do texto, farto material iconográfico permite a análise do espaço material da encenação do referido texto, da década de 1940.

Paralelamente à abordagem do tema, publicamos também artigos resultantes da chamada pública, como os estudos sobre cenógrafos modernos e cenografias de teatro operário e teatro de revista. Assim, estamos publicando, de Katia Rodrigues Paranhos (UFU, o artigo "Teatro operário e cenografia" que aborda múltiplos significados da peça *Pensão Liberdade*, escrita coletivamente pelo Grupo Forja – constituído por dirigentes sindicais, trabalhadores da base e por um ator e diretor de teatro, e a autora enfatiza a escritura do texto e o trabalho cenográfico como uma forma de intervenção social e ficcional. O artigo ressalta a maneira como "os operários atores se debruçaram sobre a sua própria história como personagens de uma luta sindical e cultural travada a partir do sindicato e que acabou por alcançar grande ressonância no cenário nacional".

Analisando as características expressionistas da cenografia de Tomás Santa Rosa Júnior, Niuxa Drago (FAU/UFRJ) em "O viés expressionista da cenografia de Santa Rosa: entre escadas e efeitos luminosos" estabelece um paralelo entre as encenações de Ziembinski para textos de Nelson Rodrigues e o cinema expressionista e encontra também na cenografia de Santa Rosa a deformação do cenário e o contraste exacerbado entre as áreas de luz e sombra, que promove uma impressão acentuada de relevo e geometria. Além de estruturar o espaço, e dar-lhe continuidade temporal, a luz expressionista podia deformá-lo, deformar o personagem e os objetos, induzindo o cenógrafo ao recurso da metáfora.

O próximo artigo, "Luis Carlos Ripper na cenografia cinematográfica brasileira: a criação de uma identidade visual nacional" de Elizabeth Motta Jacob (EBA/UFRJ) vai abranger a produção cenográfica para o cinema, portanto uma outra perspectiva espacial. A autora visa a discutir "a consolidação de uma visualidade entendida pelos agentes sociais da época analisada, como uma imagem reveladora da nacionalidade brasileira, apoiada em valores identitários expressos plástica e conceitualmente com o uso de materiais alternativos e total autonomia em relação aos padrões do cinema hegemônico", comprovando sua tese pela análise de alguns trabalhos do diretor de arte.

Na seção **Tradução**, apresentamos o texto canônico “A Cidade como Teatro” do renomado semiólogo do espaço teatral, o professor emérito da City of New York University, Marvin Carlson, traduzido por Jaqueline Rodrigues e Evelyn F. W. Lima. Este capítulo do livro *Places of Performance* propõe-se a investigar o significado da experiência das encenações teatrais do Ocidente, em especial quando realizadas em espaços não inseridos na estrutura arquitetônica convencional, ou seja, as encenações realizadas em espaços apropriados pelos espetáculos em espaços urbanos ou alternativos. Partindo das encenações medievais e renascentistas, o texto investiga a semiótica de espaços arquiteturais e urbanos que em diferentes temporalidades foram utilizados para representações, transformando a cidade no próprio teatro. Consideramos que esta tradução era uma lacuna que faltava no idioma português, visto que o texto é básico para os estudos do lugar teatral e é amplamente utilizado para desmistificar a necessidade de um edifício específico para a ação dramática.

A seção **Entrevista** apresenta os depoimentos do ator Sergio Savieri, em entrevista que encerra o dossiê, realizada por Michele Miranda e Carmen Valdez. Nela o ator revela suas impressões sobre o tratamento do espaço teatral adotado pelo Vertigem, dirigido por Antônio Araújo. Os depoimentos incluem também observações muito elucidativas quanto ao processo de criação do diretor e traduzem as pesquisas empreendidas pelo grupo sobre a ocupação dos espaços não convencionais, lugares de conflito entre o sagrado e o profano, seja no rio Tietê, na igreja, no hospital, na fachada de uma edificação. As opções são desenvolvidas após intensa pesquisa e experimentação, leituras relacionadas, seminários com intelectuais de várias áreas e muitas discussões. As montagens do grupo, utilizando espaços alternativos, colaboram para complementar as demais discussões contemporâneas sobre o espaço teatral “encontrado”.

Fecham o número **Ensaio livres** da autoria de Berilo Nosella, Henriqueta Silva e Stephan Baumgärtel.

Acreditamos que esta edição permitirá aos leitores participar de discussões sobre o espaço teatral e a cenografia em diferentes temporalidades.

Editoras especiais: Evelyn Furquim Werneck Lima e Lidia Kosovski